

Ficha de trabalho 1

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 Poesia trovadoresca

Grupo I

Lê o poema seguinte.

Deus, que leda que m'esta noite vi

Deus, que leda que m'esta noite vi,
amiga, em um sonho que sonhei!
Ca sonhava, em como vos direi,
que me dizia meu amig'assi:
5 «Falade mig', ai meu lum' e meu bem!»

Nom foi no mundo tam leda molher
em sonho, nem no podia seer,
ca sonhei que me veera dizer
aquele que me melhor que a si quer:
10 «Falade mig', ai meu lum' e meu bem!»

Des que m'espertei, ouvi gram pesar¹,
ca em tal sonho avia gram sabor,
com o rogar-me, por Nostro Senhor,
o que me sabe mais que si amar:
15 «Falade mig', ai meu lum' e meu bem!»
E, pois m'espertei, foi a Deus rogar
que me sacass'aqueste sonh'a bem².

João Mendes de Briteiros in Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos (eds.),
A lírica galego-portuguesa, 1.ª edição, Lisboa, Editorial Comunicação, 1983, p. 299.

¹ v. 11: quando acordei, tive grande pesar.

² v. 17: que este sonho acabasse bem.

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Divide a cantiga em dois momentos e explicita o assunto de cada parte.
2. Tendo em conta o contexto da cantiga, apresenta uma possível simbologia para o «sonho».
3. Atenta nos versos do refrão e justifica o emprego das aspas.
4. Indica duas marcas de género da cantiga de amigo.
5. Identifica os recursos expressivos presentes nos seguintes versos:
 - a) «que leda que m'esta noite vi, / amiga, em um sonho que sonhei!» (vv. 1-2)
 - b) «aquele que me melhor que a si quer» (v. 9)

5.1 Refere-te ao valor expressivo de b)

Grupo II

Relê o texto do Grupo I.

1. Para responderes a cada um dos itens 1.1 a 1.4, seleciona a opção correta.

1.1 A expressão sublinhada em «*Deus, que leda que m'esta noite vi, / amiga*» (vv. 1-2) desempenha a função sintática de

- (A) vocativo.
- (B) complemento indireto.
- (C) sujeito.
- (D) complemento oblíquo.

1.2 A expressão sublinhada em «*Ca sonhava, em como vos direi*» (v. 3) desempenha a função sintática de

- (A) complemento direto.
- (B) complemento indireto.
- (C) sujeito.
- (D) complemento oblíquo.

1.3 As expressão sublinhada em «*que me dizia meu amigo'assi*» (v. 4) desempenha a função sintática de

- (A) complemento direto.
- (B) predicativo do sujeito.
- (C) complemento oblíquo.
- (D) sujeito.

1.4 A expressão sublinhada na atualização do verso 5, «*Falai comigo*», desempenha a função sintática de

- (A) complemento predicativo do complemento direto.
- (B) predicativo do sujeito.
- (C) complemento oblíquo.
- (D) sujeito.

2. Identifica os processos fonológicos ocorridos em:

- a) «*assi*» (v. 4) > assim
- b) «*Falade*» (v. 5) > falai
- c) «*seer*» (v. 7) > ser

Ficha de trabalho 2

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 Poesia Trovadoresca

Grupo I

Lê o poema seguinte.

Maria Peres, a nossa cruzada

Maria Peres¹, a nossa cruzada²,
quando veo da terra d'Ultramar³,
assi veo de pardom⁴ carregada
que se nom podia com el merger⁵;
5 mais furtam-lh'o, cada u⁶ vai maer⁷,
e do perdom ja nom lhi ficou nada.

E o perdom é cousa mui preçada⁸
e que se devia muit'a guardar;
mais ela nom á maeta⁹ ferrada¹⁰
10 em que o guarde, nena pod'haver,
ca, pois o cadead'ém foi perder,
sempr'a maeta andou descadeada.

Tal maeta como sera guardada,
pois rapazes¹¹ albergam no logar,
15 que nom aj'a seer mui trastornada¹²?
Ca¹³, o logar u¹⁴ eles am poder,
nom á pardom que s'i possa asconder¹⁵,
assi sabem trastornar a pousada¹⁶.

E outra cousa vos quero dizer:
20 atal perdom bem se dev'a perder,
ca muito foi cousa mal gaa[nha]da¹⁷.

Pero da Ponte in Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos (eds.),
A lírica galego-portuguesa, 1.ª edição, Lisboa, Editorial Comunicação, 1983, p. 299.

¹ *Maria Peres*: soldadeira muito conhecida na altura, de reputação duvidosa, que deu azo a várias composições jocosas. ² *A nossa cruzada*: a nossa mulher cruzada. ³ *Ultramar*: o termo designava a outra costa do Mediterrâneo, mais especificamente a Terra Santa ou o Norte de África. ⁴ *Pardom*: indulgências. ⁵ *Merger*: afundar. ⁶ *cada u*: em cada lugar, onde. ⁷ *Maer*: ficar durante a noite, pernoitar. ⁸ *Preçado*: prezado, estimado. ⁹ *Maeta*: maleta, pequeno baú. ¹⁰ *Ferrada*: com fecho de ferros. ¹¹ *Rapazes*: moços, vilões. ¹² *Trastornada*: revolver, virar de pernas para o ar. ¹³ *Ca*: porque. ¹⁴ *U*: onde. ¹⁵ *Asconder*: esconder. ¹⁶ *Pousada*: casa, hospedaria. ¹⁷ *Gaa[nha]da*: ganha.

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Identifica o objetivo desta cantiga que acabaste de ler. Justifica a tua resposta.
2. Classifica esta cantiga, justificando a tua resposta.
3. Explicita o sentido dos seguintes versos «*assi veo de pardom carregada / que se nom podia com el merger; / mais furtam-lh'o, cada u vai maer, / e do perdom ja nom lhi ficou nada*» (vv. 3-6).
4. A ironia é recorrente. Retira um exemplo deste recurso expressivo e explica o seu valor.
5. Esclarece a importância da última estrofe.

Grupo II

Relê o texto do Grupo I.

1. Atenta na segunda *cobla*. Retira vocábulos que se insiram nas seguintes classes/subclasses de palavras:
 - a) conjunção coordenativa copulativa.
 - b) advérbio de quantidade ou intensidade.
 - c) pronome relativo.
 - d) preposição.
 - e) forma verbal no particípio.
 - f) conjunção subordinativa causal.
2. Identifica os processos fonológicos ocorridos em
 - a) «*veo*» (v. 2) > veio
 - b) «*el*» (v. 4) > ele
 - c) «*i*» (v. 17) > aí
3. Divide e classifica as orações em «*atal perdom bem se dev'a perder, / ca muito foi cousa mal gaa[nh]da*» (vv. 20-21).

Ficha de trabalho 3

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 2 – Fernão Lopes – *Crónica de D. João I*

Grupo I

Lê o texto seguinte.

– U matom o Meestre? que é do Meestre? Quem çarrrou estas portas?

Ali eram ouvidos brados de desvairadas¹ maneiras. Taes i havia que certeficavom que o Meestre era morto, pois as portas estavom çarradas, dizendo que as britassem² para entrar dentro, e veeriam que era do Meestre, ou que cousa era aquela.

- 5 Deles braadavom por lenha, e que veese lume pera poerem fogo aos Paaços, e queimar o treedor e a aleivosa³. Outros se aficavom⁴ pedindo escaadas pera sobir acima, pera veerem que era do Meestre; e em todo isto era o arroido atam grande que se nom entendiam uïs com os outros, nem determinavom neũa cousa. E nom soamente era isto aa porta dos Paaços, mas ainda arredor deles per u homeês e molheres podiam estar. Ûas viinham com feixes de lenha, outras tragiam carqueija pera acender o fogo
- 10 cuidando queimar o muro dos Paaços com ela, dizendo muitos doestos⁵ contra a Rainha.

De cima nom mingrava quem braadar que o Meestre era vivo, e o Conde Joam Fernandez morto; mas isto nom queria neuũ creer, dizendo:

– Pois se vivo é, mostrae-no-lo e vee-lo-emos.

- Entom os do Meestre veendo tam grande alvoroço como este, e que cada vez se acendia mais,
- 15 disserom que fosse sua mercee de se mostrar aaquelas gentes, doutra guisa⁶ poderiam quebrar as portas, ou lhe poer fogo, e entrando assi dentro per força, nom lhe poderiam depois tolher⁷ de fazer o que quisessem.

Ali se mostrou o Meestre a ãa grande janela que viinha sobre a rua onde estava Alvoro Paez e a mais força de gente, e disse:

- 20 – Amigos, apacificae vos, ca eu vivo e são som⁸ a Deos graças.

E tanta era a torvaçam⁹ deles, e assi tiinham já em creença que o Meestre era morto, que taes havia i que aperfiavom que nom era aquele; porem conhecendo-o todos claramente, houverom gram prazer quando o virom, e deziom uïs contra os outros:

- Ó que mal fez! pois que matou o treedor do Conde, que¹⁰ nom matou logo a aleivosa com ele!
- 25 Creedes em Deos¹¹, ainda lhe há de viinr alguũ mal per ela. Oolhae e vede que maldade tam grande, mandarom-no chamar onde ia já de seu caminho, pera o matarem aqui per traiçom. Ó aleivosa! já nos matou uũ senhor¹², e agora nos queria matar outro: leixae-a, ca ainda há mal d’acabar por estas cousas que faz!

- E sem duvida, se eles entraram dentro, nom se escusara a Rainha de morte, e fora maravilha quantos
- 30 eram da sua parte e do conde poderem escapar. O Meestre estava aa janela, e todos olhavom contra ele dizendo:

– Ó, senhor! Como vos quiserom matar per treiçom, beento seja Deos que vos guardou desse treedor! Viinde-vos, dae ao demo esses paaços, nom sejaes lá mais!

E em dizendo esto, muitos choravom com prazer de o ver vivo. [...]

Fernão Lopes, *Crónica de D. João I de Fernão Lopes (Textos escolhidos)*,
apresentação crítica de Teresa Amado, Lisboa, Seara Nova/Comunicação, 1980, capítulo 11, pp. 95-99
(texto com supressões)

¹ Desvairadas: várias, diversas. ² Britassem: arrombassem. ³ Aleivosa: maldosa, traidora. ⁴ Aficavom: teimavam. ⁵ Doestos: insultos. ⁶ Guisa: maneira, modo. ⁷ Tolher: impedir. ⁸ Som: sou. ⁹ Torçavam: perturbação. ¹⁰ Que: porque. ¹¹ Creedes em Deos: Tão certo como Deus existir. ¹² Senhor: D. Fernando (o povo julgava que D. Leonor contribuíra para a sua morte).

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Identifica o emissor das interrogativas iniciais do excerto.
2. Indica o que motivou a deslocação do povo aos Paços da rainha.
3. Esclarece o motivo do apego do povo ao Mestre de Avis.
4. Explicita como a ação do povo pode ser entendida como o despertar da consciência nacional.
5. Identifica o recurso expressivo nas seguintes expressões e explicita o seu valor:
 - a) «o treedor e a aleivosa» (ll. 5-6);
 - b) «Amigos, apacificae vos» (l. 20).

Grupo II

1. Diz se as afirmações são verdadeiras ou falsas.
 - ☐ a) Os processos fonológicos ocorridos em «viinr» (l. 25) > vir são, respetivamente, crase e síncope.
 - ☐ b) A palavra «pois» (l. 3) é uma conjunção subordinativa causal.
 - ☐ c) Na frase «a ãa grande janela que viinha sobre a rua» (l. 18) a palavra sublinhada é uma conjunção subordinativa.
 - ☐ d) Relativamente ao seu processo de formação, as palavras SMS e INTERPOL são, respetivamente, acrónimo e truncção.
 - ☐ e) Na frase «Ó João, anda cá!» a palavra sublinhada é uma interjeição.
2. Corrige as falsas.
3. Divide as frases em orações e classifica-as.
 - a) «poderiam quebrar as portas, ou lhe poer fogo» (ll. 15-16).
 - b) «vede que maldade tam grande» (l. 25).
 - c) «beento seja Deos que vos guardou desse treedor!» (l. 32).
4. Identifica as funções sintáticas presentes nas palavras ou expressões sublinhadas.
 - a) O povo aclamou o Mestre Defensor e Regedor do reino logo após a morte do Conde Andeiro.
 - b) A rainha e o Conde eram amantes.
 - c) A multidão enraivecida quis queimar o palácio.
 - d) Álvaro Pais e o pajem foram ao Paço da rainha.

Ficha de trabalho 4

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 2 Apreciação crítica

Grupo I

Lê atentamente o seguinte texto.

O romance *Uma Outra Voz*, de Gabriela Ruivo Trindade, uma portuguesa residente em Londres, ganhou o Prémio Leya [2013] [...]. Tal como acontecera com o vencedor da edição de 2011, João Ricardo Pedro, a autora, uma psicóloga de 43 anos, está neste momento desempregada.

Manuel Alegre, presidente do júri, depois de aberto o envelope onde está escrito o nome do
5 concorrente, comunicou por telefone a Gabriela Trindade a notícia de que era vencedora do Prémio Leya. Nessa altura ficou a saber que ela nunca tinha escrito um romance e também nunca tinha publicado. «É um romance onde se cruzam histórias individuais com a história coletiva. É um romance onde se cruzam várias personagens e é também a história de uma cidade do Alentejo, Estremoz», disse ao PÚBLICO o escritor.

10 «Tem personagens femininas muito fortes, isso foi uma das coisas que mais me marcou e uma história de amor também muito forte», acrescentou. E tem ainda «traços de originalidade e modernidade», como o facto de mostrar algumas fotografias de uma personagem que a certa altura vai para África, são fotografias dos anos 30, numa fazenda de café. «Foi uma boa escolha. Vê-se que num período de crise destes as pessoas estão a procurar soluções pela criatividade e neste caso pela
15 criatividade literária.» [...]

O poeta Nuno Júdice disse que destacaria em primeiro lugar «a qualidade da escrita» na obra da premiada. «A coerência com que a história de uma família de Estremoz é narrada desde o século XIX até este século sem seguir o cânone do romance realista do século XIX.» Retrata a realidade, pouco conhecida, da emigração para África muito antes da guerra colonial. «É uma visão muito inovadora da
20 nossa história com pouco mais de um século.» [...]

A força do livro está para o crítico literário brasileiro José Castello, que também fez parte do júri, «na insatisfação» que gera a escrita de Gabriela Ruivo Trindade. «É uma escrita polifónica. Uma escrita que mistura fotografia, árvore genealógica, é uma escrita inquieta», disse Castello ao PÚBLICO. «Muitas vezes existem livros bem narrados, bem organizados mas escritos com medo. Escritos dentro
25 de modelos clássicos, repetitivos. E esse livro, mal você começa a ler, começa a descobrir que está entrando num terreno que nunca pisou.»

Para o crítico, «essa aposta numa escrita muito original, num olhar original sobre o mundo parece[-lhe] que foi o motivo mais forte para premiar esse livro». O romance tem «um entrelaçamento de histórias», mas «o principal são as vozes». «Você nunca sabe direito os limites de fantasia e de realidade.
30 É um livro muito interessante, só lendo mesmo para poder entender», acrescentou.

<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/gabriela-ruivo-trindade-vence-premio-leya-1609157>
(texto adaptado e com supressões)

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Classifica o texto quanto ao género, justificando a tua resposta.
2. Esclarece o sentido da expressão «*É um romance onde se cruzam histórias individuais com a história coletiva.*» (l. 7).
3. Explicita a estrutura do texto quanto à sua organização externa e interna.
4. Refere o valor das apreciações feitas e transcreve dois exemplos dos dois últimos parágrafos.
5. Transcreve exemplos do terceiro parágrafo, ao nível lexical, que ilustrem algumas das características do discurso deste tipo de texto.

Grupo II

1. Identifica as funções sintáticas presentes nas expressões sublinhadas.
 - a) «*Manuel Alegre, presidente do júri, depois de aberto o envelope*» (l. 4).
 - b) «*Foi uma boa escolha*» (l. 13).
 - c) O poeta Nuno Júdice considerou o romance inovador.
 - d) «*uma personagem que a certa altura vai para África*» (ll. 12-13).
2. Reescreve no discurso direto a seguinte frase:

«O poeta Nuno Júdice disse que destacaria em primeiro lugar “a qualidade da escrita” na obra da premiada.» (ll. 16-17).
3. Procede à pronominalização das expressões sublinhadas:

«comunicou por telefone a Gabriela Trindade a notícia» (l.5).
4. Divide as frases em orações e classifica-as.
 - a) «*É um romance onde se cruzam histórias individuais com a história coletiva.*» (l. 7);
 - b) «*Vê-se que num período de crise destes as pessoas estão a procurar soluções*» (ll. 13-14);
 - c) «*O romance tem “um entrelaçamento de histórias”, mas “o principal são as vozes”*» (ll. 28-29).
5. Indica o processo de formação das palavras sublinhadas na frase seguinte.

O romance de Gabriela Ruivo Trindade poderá ser um best-seller, sobretudo por causa da história mas também do complemento de fotos que fazem parte do romance.

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 3 Gil Vicente – *Farsa de Inês Pereira*

Grupo I

Lê o seguinte excerto da *Farsa de Inês Pereira*.

Entra o Moço com ãa carta de Arzila¹ e diz:

Esta carta vem dalém 915
creo que é de meu senhor.

Inês Pereira Mostrai cá meu guarda mor²
e veremos o que aí vem.

895 **Lê o sobrescrito:** À mui prezada senhora 920
Inês Pereira da Grã,
a senhora minha irmã.
De meu irmão. Venha embora.

900 **Moço** Vosso irmão está em Arzila
eu apostarei que i vem 925
nova de meu senhor também.

Inês Já ele partiu de Tavila³?

Moço Há três meses que é passado⁴.

Inês Aqui virá logo recado 930
se lhe vai bem ou que faz. 930

Moço Bem pequena é a carta assaz.

Inês Carta de homem avisado.

Lê Inês Pereira a carta, a qual diz:

910 Muito honrada irmã 935
esforçai o coração⁵
e tomai por devação
de querer o que Deos quer⁶.
E isto que quer dizer?

Prossegue: E nam vos maravilheis
de cousa que o mundo faça,
que sempre nos embaraça
com cousas. Sabei que indo
vosso marido fogindo
da batalha pera a vila,
a mea légua de Arzila
o matou um mouro pastor.
Moço Oh meu amo e meu senhor.
Inês Dai-me vós cá essa chave
e i buscar vossa vida⁷.

Moço Oh que triste despedida.
Inês Mas que nova tam suave
Desatado é o nó⁸.
se eu por ele ponho dó
o Diabo m'arrebente.
Pera mi era valente
e matou-o um mouro só!

Guardar de cavaleirão
barbudo repetenado⁹
que em figura d'avisado
é malino¹⁰ e sotrancão¹¹.
Agora quero tomar
pera boa vida gozar
um muito manso marido
nam no quero já sabido,
pois tam caro há de custar.

Gil Vicente, *As obras de Gil Vicente*, vol. II, direção científica de José Camões,
Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, pp. 586-588

¹ *Arzila*: vila em Marrocos. ² v. 893: ironia. ³ *Tavila*: porto de embarque para o Norte de África. ⁴ v. 903: indicação que o Escudeiro havia embarcado há três meses. ⁵ v. 909: tem coragem. ⁶ v. 911: conformai-vos com a vontade divina. ⁷ vv. 922-923: Acabou a sua missão de carcereiro. Agora que ela é livre, ele terá de ir embora. ⁸ v. 926: o casamento terminou, assim como a sua prisão. ⁹ *Repetenado*: fazer-se de insolente. ¹⁰ *É malino*: mau. ¹¹ *E sotrancão*: dissimulado; velhaco; sonso.

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Insere o excerto na estrutura interna da obra.
 2. Transcreve o verso que se refere ao tempo cronológico.
 3. Resume o conteúdo da carta e explicita a sua importância para o desenvolvimento da ação.
 4. Compara o comportamento do Escudeiro no seu lar e em Arzila.
 5. Explicita o significado dos seguintes versos «*Mas que nova tam suave / Desatado é o nó*» (vv. 925-926).
 6. Quanto à composição, comprova que Inês é uma personagem modelada.
 7. Identifica os recursos expressivos presentes nos seguintes versos.
 - a) «*E isto que quer dizer?*» (v. 912).
 - b) «*se eu por ele ponho dó / o Diabo m'arrebente.*» (vv. 927-928).
- 7.1 Refere-te ao valor expressivo de b).

Grupo II

1. Na seguinte tabela, assinala a função sintática adequada aos constituintes sublinhados.

Frases	Complemento do nome	Modificador restritivo do nome	Modificador apositivo do nome
a) O marido <u>de Inês</u> faleceu.			
b) Morreu Brás da Mata, <u>que não deixou saudades</u> .			
c) A personagem principal quer gozar uma <u>boa</u> vida.			
d) Não tardará a vingança <u>de Inês Pereira</u> .			
e) A entrega <u>da carta</u> foi feita pelo Moço.			
f) Inês deseja um marido <u>manso</u> .			
g) O Moço, <u>despedido</u> , sai de cena.			
h) A necessidade <u>de mudar de vida</u> foi óbvia para Inês.			
i) A viúva <u>alegre</u> pensa em casar de novo.			
j) Será que Inês vai recorrer a Lianor Vaz, <u>a alcoviteira</u> ?			
k) Será que a oferta <u>de um novo pretendente</u> é bem recebida?			
l) A farsa <u>vicentina</u> é bastante interessante.			

2. Constrói frases em que sejas fiel às sequências sintáticas indicadas.

- a)** Sujeito composto + predicado [complemento direto + complemento do nome].
- b)** Sujeito simples + modificador apositivo do nome + predicado [predicativo do sujeito].
- c)** Sujeito nulo subentendido + predicado [complemento direto + modificador restritivo do nome].
- d)** Sujeito simples + complemento do nome + predicado [complemento direto + complemento oblíquo].

Ficha de trabalho 6

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 3 Gil Vicente – *Farsa de Inês Pereira*

Grupo I

Lê o seguinte excerto da *Farsa de Inês Pereira*.

	Inês Pereira	Marido aquele ermitão		Inês	Si.
		É um anjinho de Deos.	1120		Õa aqui e outra aqui.
	Pero	Corregê vós esse véus			Oh como folgo com elas!
		e ponde-vos em feição ¹ .			
1100	Inês	Sabeis vós o que eu queria?			Cantemos marido quereis?.
	Pero	Que quereis minha molher?		Pero	Eu nam saberei entoar.
	Inês	Que vós houvésseis por prazer	1125	Inês	Pois eu hei só de cantar
		de irmos lá em romaria.			e vós me respondereis
					cada vez que eu acabar:
				Canta Inês:	pois assi se fazem as cousas
	Pero	Seja logo, sem deter.			Marido cuco me levades
1105	Inês	Este caminho é comprido	1130	Pero	e mais duas lousas.
		contai ãa estória marido.			Pois assi se fazem as cousas.
	Pero	Bofá que me apraz molher		Inês	Bem sabedes vós marido
	Inês	Passemos primeiro o rio.			quanto vos amo
		Descalçai-vos.			sempre fostes percebido
	Pero	E pois como?			pera gamo.
1110		E levar-me-eis ao ombro ²	1135		Carregado ides noss'amo
		não me corte a madre o frio		Pero	com duas lousas.
					Pois assi se fazem as cousas
				Inês	Bem sabedes vós marido
					quanto vos quero
	Pero	Ides à vossa vontade?	1140		sempre foste percebido ³
1115	Inês	Como estar no paraíso			para cervo.
	Pero	Muito folgo eu com isso			Agora vos tomou o demo
	Inês	Esperade ora esperade			Com duas lousas.
		olhai que lousas aquelas		Pero	Pois assi se fazem as cousas.
		pera poer as talhas nelas			
	Pero	Quereis que as leve?			<i>E assi se vão, e se acaba o dito auto.</i>

Gil Vicente, *As obras de Gil Vicente*, vol. II, direção científica de José Camões, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, pp. 593-594

¹ vv. 1098-1099: compõe esses véus, ponde-vos bonita. ² v. 1110: levar-me-eis às costas. ³ v. 1140: destinado.

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Insere o excerto na estrutura interna da obra.
2. Explicita o significado dos seguintes versos «*Corregê vós esses véus / e ponde-vos em feição*» (vv. 1098-1099).
3. Pero Marques cede perante todos os caprichos da esposa. Transcreve dois versos que o comprovem.
4. Relaciona o meio como Inês é transportada com o mote que deu origem à farsa.
5. Explica a relevância da cantiga entoada por ambos no final do excerto.
6. Identifica dois tipos de cómico presentes neste excerto. Justifica a tua resposta.
7. Identifica os recursos expressivos presentes nos seguintes versos:
 - a) «*Ides à vossa vontade? / Como estar no paraíso.*» (vv. 1113-1114).
 - b) «*sempre fostes percebido / pera gamo.*» (vv. 1134-1135).
- 7.1 Refere-te ao valor expressivo de **b**).

Grupo II

1. Expande os seguintes grupos nominais:
 - a) As costas **de**...
 - b) A ida **para**...
 - c) A beleza **de**...
 - d) O debate **sobre**...
- 1.1 Classifica, quanto à classe de palavras, os vocábulos destacados.
- 1.2 Identifica a função sintática dos constituintes por eles iniciados.
2. Para responderes a cada um dos itens 2.1 a 2.6, seleciona a opção correta.
 - 2.1 Inês, **que só se queria divertir**, não se importava com o marido.
 - (A) Modificador apositivo do nome.
 - (B) Modificador restritivo do nome.
 - (C) Complemento do nome.
 - 2.2 A vida **de Pero Marques** não se adivinha fácil.
 - (A) Modificador apositivo do nome.
 - (B) Modificador restritivo do nome.
 - (C) Complemento do nome.

2.3 Pero Marques ficou contente pela felicidade **de Inês**.

- (A) Modificador apositivo do nome.
- (B) Modificador restritivo do nome.
- (C) Complemento do nome.

2.4 O matrimónio **que Inês contraiu pela segunda** vez era do seu agrado.

- (A) Modificador apositivo do nome.
- (B) Modificador restritivo do nome.
- (C) Complemento do nome.

2.5 Pero Marques, **«o gamo»**, parece não se importar com isso.

- (A) Modificador apositivo do nome.
- (B) Modificador restritivo do nome.
- (C) Complemento do nome.

2.6 A possibilidade **de que o Ermitão** fosse honesto era quase nula.

- (A) Modificador apositivo do nome.
- (B) Modificador restritivo do nome.
- (C) Complemento do nome.

3. Identifica a função sintática dos constituintes destacados.

- a) Muitos concordam **com a atitude de Inês**.
- b) Pero Marques, apesar de ser maltratado, permaneceu **marido de Inês Pereira**.
- c) Percebemos **a diferença entre Brás da Mata e Pero Marques**.
- d) Inês, primeiramente, foi enganada **pela imagem de homem «avisado»**.

3.1 Destaca, nesses grupos sintáticos, os complementos do nome.

Ficha de trabalho 7

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 4 Luís de Camões – *Rimas*

Grupo I

Lê o poema seguinte.

Eu cantei já, e agora vou chorando

Eu cantei já, e agora vou chorando
o tempo que cantei tão confiado;
parece que no canto já passado
se estavam minhas lágrimas criando.

- 5 Cantei; mas se me alguém pergunta: Quando?
Não sei; que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado
que o passado, por ledo¹, estou julgando.

- Fizeram-me cantar, manhosamente²,
10 contentamentos não, mas confianças;
cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças
onde a Fortuna³ injusta é mais que os erros?

Luís de Camões, *Rimas* (texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão), Coimbra, Oficinas da «Atlântida», 1953, p. 187

¹ Ledo: feliz. ² Manhosamente: ao engano. ³ Fortuna: sorte, destino.

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Demonstra o carácter autobiográfico do texto, apresentando dois elementos linguísticos.
2. O sujeito poético reflete sobre dois momentos da sua vida. Identifica-os e contrasta o seu estado de espírito em cada um deles.
3. Atenta no primeiro verso. Identifica o recurso expressivo presente e explicita o seu valor.
4. Relaciona o conteúdo da última estrofe com as reflexões apresentadas nas estrofes anteriores.
5. Apresenta a classificação formal do texto poético, integrando-o na produção lírica camoniana.

Grupo II

Relê o texto do Grupo I.

1. Para responderes a cada um dos itens 1.1 a 1.4, seleciona a opção correta.

1.1 A expressão sublinhada em «*É tão triste este meu presente estado*» (v. 7) desempenha a função sintática de

- (A) complemento direto.
- (B) complemento indireto.
- (C) sujeito.
- (D) complemento oblíquo.

1.2 A palavra sublinhada em «*mas se me alguém pergunta: Quando?*» (v. 5) desempenha a função sintática de

- (A) complemento direto.
- (B) complemento indireto.
- (C) sujeito.
- (D) complemento oblíquo.

1.3 A expressão sublinhada em «*É tão triste este meu presente estado*» (v. 7) desempenha a função sintática de

- (A) predicativo do complemento direto.
- (B) predicativo do sujeito.
- (C) complemento oblíquo.
- (D) sujeito.

1.4 A palavra sublinhada em «*onde a Fortuna injusta é mais que os erros?*» (v. 14) desempenha a função sintática de

- (A) complemento do nome.
- (B) modificador restritivo do nome.
- (C) complemento do adjetivo.
- (D) modificador apositivo do nome.

2. Escreve duas frases, tendo em conta o campo semântico de «Fortuna», evidenciando duas aceções que a palavra pode assumir.

3. Divide e classifica as seguintes orações: «*parece que no canto já passado / se estavam minhas lágrimas criando*» (vv. 3-4).

Ficha de trabalho 8

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 4 Luís de Camões – *Rimas*

Grupo I

Lê os poemas seguintes.

Texto A

Mote

*Quem ora soubesse
onde o Amor nasce,
que o semeasse!*

Voltas

De Amor e seus danos
5 me fiz lavrador;
semeava amor
e colhia enganoso;
não vi, em meus anos,
homem que apanhasse
10 o que semeasse.

Vi terra florida
de lindos abrolhos,
lindos para os olhos,
duros para a vida;
15 Mas a rês perdida
que tal erva pasce
em forte hora nasce.

Com quanto perdi,
trabalhava em vão;
20 se semeei grão,
grande dor colhi.
Amor nunca vi
que muito durasse,
que não magoasse.

Luís de Camões, *Rimas* (texto estabelecido e
prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão), Coimbra,
Oficinas da «Atlântida», 1953, pp. 101-102

Texto B

Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar-me, e novas esquivações;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

5 Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho¹.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
10 onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e doi não sei porquê.

Luís de Camões, *Rimas* (texto estabelecido e
prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão), Coimbra,
Oficinas da «Atlântida», 1953, p. 134

¹ *Lenho*: embarcação

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Apresenta a temática comum aos dois textos. Justifica a tua opção.
2. Identifica o recurso expressivo associado ao sentimento amoroso e explicita o seu valor, presente nos dois textos.
3. Refere dois efeitos do sentimento amoroso e transcreve dos **Textos A e B** os versos que os ilustram.
4. Em ambos os textos, o sujeito poético surge metaforicamente referido.
 - 4.1 Identifica essas metáforas.
 - 4.2 Explica o seu valor expressivo.
5. Descreve a estrutura externa (formal) de cada um dos textos.
 - 5.1 Partindo dessa descrição, integra os poemas na vertente da produção lírica camoniana.

Grupo II

Relê o **Texto A** do Grupo I.

1. Para responderes a cada um dos itens 1.1 a 1.3, seleciona a opção correta.
 - 1.1 A expressão sublinhada em «*homem que apanhasse / o que semeasse*» (vv. 9-10) desempenha a função sintática de
 - (A) complemento direto.
 - (B) complemento indireto.
 - (C) sujeito.
 - (D) complemento oblíquo.
 - 1.2 As palavras sublinhadas em «*Vi terra florida / de lindos abrolhos*» (vv. 11-12) desempenham a função sintática de
 - (A) complemento do nome.
 - (B) modificador restritivo do nome.
 - (C) complemento do adjetivo.
 - (D) modificador apositivo do nome.
 - 1.3 A palavra sublinhada em «*Amor nunca vi / que muito durasse*» (vv. 22-23) desempenha a função sintática de
 - (A) complemento direto.
 - (B) complemento indireto.
 - (C) complemento oblíquo.
 - (D) sujeito.

Relê, agora, o **Texto B** do Grupo I.

2. Constrói, com quatro vocábulos retirados do poema, um campo lexical do domínio concetual de «desânimo».
3. Escreve duas frases, tendo em conta o campo semântico de «*artes*» (v. 1), evidenciando duas aceções que a palavra pode assumir.

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 5 Artigo de divulgação científica

Grupo I

Lê o texto seguinte.

Em busca do conectoma humano O atlas do cérebro

Atualmente, os cientistas apenas conseguem recriar a atividade de pequenas zonas do cérebro. Quando conhecermos todo o conectoma (o conjunto de neurónios e ligações que o integram), talvez se torne possível transferir a nossa consciência.

A ciência já confirmou que a atividade neuronal é a base física dos pensamentos e das emoções.

- 5 Assim, o neurocientista Kenneth Hayworth, do Laboratório Jeff Lichtman da Universidade de Harvard (Estados Unidos), afirma que dentro de poucos anos poderemos dispor da tecnologia necessária para preservar a identidade e a memória de uma pessoa. Hayworth já lançou uma iniciativa para reunir fundos e criar um observatório do conectoma, termo que aglutina os milhões de ligações que existem no cérebro, ou seja, toda a sua atividade celular.

- 10 Por sua vez, Sebastian Seung, especialista em neurociência computacional do Instituto Tecnológico do Massachusetts (MIT), imagina «um exército de microscópios eletrónicos capaz de examinar cada neurónio e cada sinapse e constituir uma gigantesca base de dados com imagens tridimensionais; um dia, um supercomputador, talvez equipado com inteligência artificial, sintetizará essa informação num único conectoma humano». [...]

- 15 A palavra «conectoma» foi criada por analogia com «genoma», que descreve a totalidade da informação hereditária de um organismo. Trata-se de uma comparação adequada. Neste caso, estaríamos a falar da informação mental completa do ser humano.

A.S. , «O atlas do cérebro» in *Superinteressante*, n.º 193, maio de 2014, pp. 24-27.
(texto com supressões).

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Comprova a classificação deste texto como um artigo de divulgação científica, ao nível da temática e da estrutura externa.

2. O texto refere uma descoberta que já foi comprovada pelos cientistas.

2.1 Identifica-a.

3. Apesar de confirmada, ainda não é possível aceder informaticamente a essa descoberta.

3.1 Transcreve todos os vocábulos e expressões que demonstram este facto.

4. Selecciona a opção correta.

4.1 As afirmações dos dois neurocientistas referidos no texto demonstram que

- (A) acreditam que são as células nervosas que determinam os pensamentos, os sentimentos e as emoções.
- (B) não é possível manter a identidade e a memória de uma pessoa.
- (C) a ciência não consegue explicar a origem de pensamentos, sentimentos e emoções.
- (D) nunca será possível examinar cada neurónio.

4.2 A analogia entre as palavras «conectoma» e «genoma» (l. 15) justifica-se porque ambas

- (A) fornecem informação parcial ao nível da hereditariedade e mente de uma pessoa.
- (B) fornecem informação genética e mental de uma pessoa.
- (C) descrevem informação semelhante sobre um organismo.
- (D) descrevem informação total de um organismo.

5. Enumera as características da linguagem utilizada, confirmando a tua resposta com elementos textuais.

Grupo II

Relê o texto do Grupo I.

1. Para responderes a cada um dos itens 1.1 a 1.2, selecciona a opção correta.

1.1 A expressão sublinhada em «*a atividade neuronal é a base física dos pensamentos*» (l. 4) desempenha a função sintática de

- (A) complemento direto.
- (B) complemento indireto.
- (C) predicativo do sujeito.
- (D) complemento oblíquo.

1.2 O verbo utilizado na frase «*A ciência já confirmou que a atividade neuronal...*» (l. 4) classifica-se como principal

- (A) transitivo direto e indireto.
- (B) intransitivo.
- (C) copulativo.
- (D) transitivo direto.

2. Responde de forma correta aos itens apresentados.

2.1 Indica a classe e subclasse das palavras que constituem a seguinte frase: «*termo que aglutina os milhões de ligações*» (l. 8).

2.2 Classifica a oração iniciada por «que» em «*A palavra “conectoma” foi criada por analogia com “genoma”, que descreve a totalidade da informação hereditária de um organismo.*» (ll. 15-16).

2.3 Transforma a seguinte frase para a voz passiva: «*Hayworth já lançou uma iniciativa para reunir fundos...*» (ll. 7-8).

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 5 Luís de Camões – *Os Lusíadas*

Grupo I

Lê as seguintes estâncias que pertencem ao canto IX de *Os Lusíadas*.

92

Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu¹ no Mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses, Imortais,
Indígetes², Heróicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo³,
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

93

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente:
Milhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

94

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes⁴,
Contra a lei dos imigos Sarracenos⁵:
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

95

E fareis claro⁶ o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados⁷.
Impossibilidades não façais⁸,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos
E nesta «Ilha de Vénus» recebidos.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*,
pref. de Costa Pimpão, 4.ª ed., Lisboa, MNE, Inst. Camões,
2000, p. 410

¹ *Lhe deu*: lhes deu. ² *Indígetes*: divindades primitivas e nacionais dos Romanos. ³ *Ócio ignavo*: do ócio indolente, preguiçoso. ⁴ *Rutilantes*: cintilantes. ⁵ *Sarracenos*: inimigos mouros. ⁶ *Claro*: ilustre. ⁷ Vossos já passados: como (fizeram imortais) os vossos antepassados. ⁸ *Impossibilidades não façais*: impossibilidades não há para vós.

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Indica o plano em que se enquadram estas estâncias e justifica a tua resposta.

2. Atenta na estância 92.

2.1 Relaciona o sentido dos quatro primeiro versos com o dos últimos quatro.

3. Refere o que é que os homens deverão evitar para atingir a imortalidade.

4. Explicita, agora, o que é que o ser humano deverá praticar para atingir essa mesma imortalidade.

5. Indica a recompensa que está ao alcance daqueles que adotam os comportamentos sugeridos e transcreve um exemplo textual.
6. Esclarece a crítica presente nestas estâncias.
7. Identifica os recursos expressivos presentes nos seguintes versos:
 - a) «*Mas a Fama, trombeta de obras tais*» (v. 1, est. 92);
 - b) «*Verdadeiro valor não dão à gente*» (v. 6, est.93).

Grupo II

Relê o texto do Grupo I e responde às seguintes questões.

1. De entre as afirmações seguintes, escolhe, identificando através da alínea respetiva, a hipótese que corresponde à alternativa correta.
 - 1.1 Na frase «*Mas a Fama, trombeta de obras tais, / Lhe deu no Mundo*» (est. 92, vv. 1-2), os elementos sublinhados desempenham a função sintática de
 - (A) modificador restritivo do nome.
 - (B) modificador apositivo do nome.
 - (C) complemento do nome.
 - (D) predicativo do sujeito.
 - 1.2 A frase «*ó vós que as famas estimais*» (est. 92, v. 5) integra uma oração subordinada
 - (A) adverbial causal.
 - (B) adverbial consecutiva.
 - (C) adjetiva relativa restritiva.
 - (D) adjetiva relativa explicativa.
 - 1.3 O verso «*Ou dai na paz as leis iguais, constantes*» (est. 94, v. 1) integra uma oração
 - (A) coordenada copulativa.
 - (B) coordenada explicativa.
 - (C) coordenada disjuntiva.
 - (D) coordenada conclusiva.
 - 1.4 Na frase «*Agora co as espadas, que imortais / Vos farão*» (est. 95, vv. 3-4), o pronome pessoal encontra-se numa posição pré-verbal pelo facto de a frase ser
 - (A) afirmativa.
 - (B) subordinante.
 - (C) subordinada.
 - (D) coordenada.

2. Responde aos seguintes itens.

2.1 Identifica o processo fonológico presente na evolução da seguinte palavra:
«co» (est. 95, v. 3) > com.

2.2 Classifica cada conjunto de palavras apresentadas, quanto à classe e subclasse.

a) cobiça, ambição, tirania.

b) vós, lhe, vos.

c) se, porque, que.

3. Identifica o tempo e modo da forma verbal presente na frase «*Impossibilidades não façais*» (est. 95, v. 5).

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 6 Relato de viagem

Grupo I

Lê o texto seguinte.

Cuba: um lugar ao som

Depressa se conclui: além de lugar ao sol, Cuba é sobretudo um lugar ao som. É uma ilha musical onde tudo conflui em claves (de sol) e *holás* (sustenidos). No soturno aeroporto José Martí (o embargo leva a economizar na luz), o fiscal da alfândega faz pautas de percussão com os carimbos e canta um «*buenas*» ao estrangeiro pasmado. Quem nunca foi ali pensa nos cubanos como um povo mártir de espanhóis, americanos e castristas (o que é uma grande verdade). Espera um mar de gente de cara franzida, esquelética e cabisbaixa vagueando nas ruas e pedindo esmola. Porém, a dignidade é inquebrantável e a alegria espontânea só quebra quando passam furacões ou se fala no regresso ao trono de Fidel do hospital geriátrico. Antes de chegar à ilha, o estrangeiro imagina um gueto infeliz de comunistas renitentes e ortodoxos fiéis de *El Che*. Mas vermelhos e amigos da foice só os agricultores tisonados da vila de Trinidad, supostos descendentes de índios comanches, ou a juventude rebelde que pede as barbas e o pescoço rugoso de Fidel no cepo. [...] A ilha é dos poucos lugares do mundo onde as portas das casas nunca estão no trinco e o forasteiro é convidado a entrar (e cear, fumar, charlar...) como se fosse um da casa, um *compañero*. Ou *a comer, a beber, a lo que tu quieras, cuando quieras, a la hora que quieras*.

15 Chegados a Havana, as poucas luzes do casario que se divisam estão separadas por quilómetros. Candeias de petróleo tremeluzem nos alpendres como pirilampos (trágicos). A eletricidade e os combustíveis são os bens mais penalizados pelo embargo americano, sobretudo desde que acabaram as benesses soviéticas. Os cubanos já habituaram os olhos a viver na penumbra e as pernas a dar ao pedal – à falta de gasolina para os *guaguas* (os autocarros), importaram-se cinco milhões de bicicletas chinesas. Quando não cantam e dançam (ou remendam pneus), os cubanos ocupam o tempo a vegetar nos degraus e alpendres, de livros e jornais içados – há um índice absoluto de literacia, uma das raras conquistas abençoadas do regime. [...]

20 Quando cheguei, as ruas estavam repletas de manifestantes que pediam o dobre de finados do regime. Na varanda do Hotel Riviera, [...], assisti aos protestos no Malecón, supondo que, mesmo enfermo, Fidel ainda era o rei [...]. Nessa manhã, fiz o que faz meia Havana todos os dias, do sol nado ao sol-posto: cabotei os oito quilómetros da avenida marginal do Malecón, debrucei as íris sobre o estreito da Florida, fumei proletariamente o meu charuto *Robaina Siglo 5* e sonhei com a liberdade.

In Tiago Salazar, *As Rotas do Sonho*, Alfragide, Oficina do Livro, 2010, pp. 19-21.
(texto adaptado e com supressões)

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Identifica o género textual e refere duas características do mesmo. Justifica a tua resposta.
2. Relaciona o título do texto com seu o conteúdo.
3. Indica a estratégia que o narrador usa para mostrar o confronto entre suposições e realidade.
4. Caracteriza o povo cubano.
5. Refere o facto surpreendente que poderia colocar Cuba em destaque no mundo.
6. Tendo por base o exposto no texto, explicita a expressão final «*sonhei com a liberdade*» (ll. 27-28).
7. Identifica os recursos expressivos e explicita o seu valor:
 - a) «*povo mártir de espanhóis, americanos e castristas*» (ll. 4-5);
 - b) «*à falta de gasolina para os guaguas (os autocarros), importaram-se cinco milhões de bicicletas chinesas*» (ll. 19-20).

Grupo II

1. Indica o processo de formação da palavra «*pneus*» (l. 20).
2. Identifica as funções sintáticas nas palavras ou expressões sublinhadas.
 - a) «*as portas das casas*» (l. 12);
 - b) «*índice absoluto*» (l. 21);
 - c) «*as ruas estavam repletas de manifestantes*» (l. 23);
 - d) «*fumei proletariamente o meu charuto*» (l. 27).
3. Divide as frases em orações e classifica-as.
 - a) «*A eletricidade e os combustíveis são os bens mais penalizados [...] desde que acabaram as benesses soviéticas*» (ll. 16-18).
 - b) «*A ilha é dos poucos lugares do mundo onde as portas das casas nunca estão no trinco*» (ll. 11-12).
 - c) «*Os cubanos já habituaram os olhos a viver na penumbra e as pernas a dar ao pedal*» (ll. 18-19).
 - d) «*Quando cheguei, as ruas estavam repletas de manifestantes*» (l. 23)
4. Reescreve a frase na ativa.

«A eletricidade e os combustíveis são [...] mais penalizados pelo embargo americano» (ll. 16-18)
5. Explicita o uso de dois pontos na linha 26 do texto.

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 6 *História Trágico-Marítima*

Grupo I

Lê o texto seguinte.

Com a rijeza do vento, romperam-se as velas que levavam; e estando eles na faina de consertá-las, eis que acabou de desaparegar-se o leme, quebrando-se o ferro que lhe restava e rompendo-se os cabos com que o tinham atado.

5 Foi então o cúmulo do desespero. Deixaram-se cair todos no convés, desamparadamente, com a certeza absoluta de que morreriam de fome.

De súbito, Jorge de Albuquerque levantou-se rijo, com ledor aspeto; e, pegando num livro que trazia consigo, tirou duas imagens de Cristo e da Virgem, pegou-as no mastro, chamou os companheiros para o pé de si, cada um por seu nome, e começou a pregar-lhe animadamente, afirmando-lhes a certeza de que se salvariam. [...]

10 Depois, às escondidas, fez testamento; e, acrescentando a esse muitos outros papéis, acomodou tudo num barril pequeno, que fechou e breou¹ o melhor que pôde, disposto a lançar o barrilinho à água quando visse chegado o derradeiro instante. Mas isto o fez em tão grande segredo que nenhum dos outros por então o soube. [...]

15 Chegados a 27 daquele mês, começou a necessidade de lançarem ao mar os primeiros companheiros que morreram de fome. Certos homens, nesse transe, lembraram-se de pedir a Jorge de Albuquerque a permissão de comerem aqueles cadáveres. Ao ouvir este horrível requerimento, arrasaram-se-lhe os olhos de água. Não, não podia ser; não o consentiria, enquanto vivesse; se morresse, porém, dava-lhes licença de o comerem a ele.

20 O desespero, então, levou alguns a outra ideia: arrombar a nau para acabarem de vez. Soube-o o Albuquerque, e impediu que o fizessem. [...]

A 29, pela manhãzinha, avistou-se uma nau. Fizeram-se sinais alvoraçadamente; os da nau, porém, não lhes quiseram valer, e seguiram seu rumo.

25 Mais três dias se passaram assim, no trabalho contínuo de dar à bomba. A 2 de outubro, entre a neblina, pareceu-lhes divisar arrumação de terra. Cerca do meio-dia, dissipou-se a névoa. Maravilha! Deus louvado! Era a serra de Sintra! Lá estava, ao cimo das rochas, a própria casa da Senhora da Pena!

Mas não tinham maneira de se aproximar da praia. Iam numa carcassa sem governo algum. [...]

Pouco depois, felizmente, avistaram uma barca pequenina, que navegava para a Atouguia². Começaram a bradar-lhes, de joelhos, que lhes valessem; e estando a barca a um tiro de berço, logo lhes acudiu com muita pressa. [...]

30 Vendo o estado em que estavam os da nau, ficaram atónitos. Logo lhes deram pão, água e frutas, que para si traziam.

O senhorio da barca, tanto que acabou de lhes dar de comer, passou-lhes um cabo de reboque com que afastaram a nau da rocha e a foram trazendo ao longo da costa até à baía de Cascais, aonde chegaram pelo sol-posto. Acorreram alguns botes, em que se meteram; uns desembarcaram ali em Cascais; outros 35 só em Belém tomaram terra.

«As terríveis aventuras de Jorge de Albuquerque Coelho (1565)» (capítulo V),
História Trágico-Marítima. Narrativas de Naufrágios da Época das Conquistas,
adaptação de António Sérgio, Lisboa, Sá da Costa, 2008, pp.207-212

¹ Breou: Cobriu ou untou com resina. ² Atouguia: (Atouguia da Baleia) vila do concelho de Peniche.

Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Explica a aparente contradição entre o que Jorge de Albuquerque Coelho afirma no início do excerto e o que ele faz a seguir.
2. Perante a iminente morte, refere as duas hipóteses pensadas pelos navegadores.
3. Explicita a importância do avistamento da capela da Senhora da Pena.
4. Relaciona o estado da embarcação, aquando da chegada a Lisboa, com a visão trágica dos Descobrimentos.
5. Identifica os recursos expressivos presentes nos excertos e refere a sua expressividade.
 - a) «Vendo o estado em que estavam os da nau, ficaram atónitos» (l. 30);
 - b) «Logo lhes deram pão, água e frutas» (l. 30).

Grupo II

1. Divide as frases em orações e classifica-as.
 - a) «isto o fez em tão grande segredo que nenhum dos outros por então o soube» (ll. 12-13);
 - b) «não o consentiria, enquanto vivesse» (l. 17);
 - c) «impediu que o fizessem» (l. 20);
 - d) «avistaram uma barca pequenina, que navegava para a Atouguia» (l. 27).
2. Identifica as funções sintáticas presentes nas palavras ou expressões sublinhadas.
 - a) «o cúmulo do desespero» (l. 4);
 - b) «Fizeram-se sinais alvoraçadamente» (l. 21);
 - c) «Começaram a bradar-lhes, de joelhos, que lhes valessem» (l. 28);
 - d) «acabou de lhes dar de comer» (l. 32).
3. Esclarece o sentido da palavra sublinhada e indica o seu processo de formação.
 - a) «no trabalho contínuo de dar à bomba» (l. 23) / rebentaram uma bomba no centro da cidade.
4. Indica os processos fonológicos ocorridos na evolução da seguinte palavra: AQUAM > água
5. Reescreve as frases, substituindo o elemento sublinhado por um pronome.
 - a) «Depois, às escondidas, fez testamento» (l. 10);
 - b) «quando visse chegado o derradeiro instante» (l. 12).